

A C DE

A revolução moçambicana gerou os seus heróis e inevitavelmente os seus traidores reaccionários, agentes do colonialismo português e do imperialismo em Moçambique. Levados pela ambição e pela sua vocação exploradora eles infiltraram-se no Frelimo e dentro da Organização realizaram as suas actividades de sabotagem e subversão ao serviço do inimigo. Centenas desses agentes foram detectados, pela vigilância popular e encontram-se nas mãos do Frelimo. Em Nachingwea estão cerca de 400 desses reaccionários, muitos dos quais o povo conhece bem. É o caso de Uria Simango, Nkavandame, Basílio Bando, Joana Simião, Paulo Gumane, Verónica Namiva, João Unhai, Faustino Cambeu, José Dimoko, Joseph Madzozere, Ali Madebe, Mateus Punda Alipona, Pedro Manguelane Mondlane e outros.

As actividades anti-revolucionárias prejudicaram e atrasaram a vitória final da luta de libertação do povo moçambicano. Mas deles há uma grande lição a aprender: eles são a prova viva de que o colonialismo não tem cor, o imperialismo não tem pátria e a exploração não tem raça. Portanto continuarão como provas vivas e o povo com a sua justiça revolucionária tentará recuperá-los.

A confissão que Uria Simango fez ante o povo, autoridades tanzanianas e jornalistas, em Nachingwea, é um documento muito importante na história da nossa luta de libertação. Por isso a publicamos. Não podemos afirmar que tudo o que se diz neste documento é verdadeiro porque provém de um traidor reaccionário e de gente deste tipo não esperamos toda a verdade. No entanto é pelo menos parte da história de uma longa traição ao povo moçambicano.

DECLARAÇÃO

Eu, Uria Timóteo Simango, declaro que: Mediante a documentação que a FRELIMO tem, vi que era inútil negar os factos. Comecei a reconhecer os trabalhos que a FRELIMO fez em libertação e faz em reconstrução do País e isso fez-me reavivar os sentimentos patrióticos que tive há muito tempo. Fazer este documento público é uma maneira de começar a pagar a dívida que tenho com o povo, uma maneira de começar a tratar a mim próprio.

PERÍODO 1962-67

Este é o período em que me deixei dominar pela ambição de ser o dirigente máximo da FRELIMO. Com este desejo iniciei a conspiração contra a direcção da FRELIMO. Em primeiro lugar utilizei o racismo — que na direcção da FRELIMO não devia haver brancos. Eu era de opinião que o responsável máximo (director) do Instituto Moçambicano devia ser um moçambicano preto.

Com a chegada do padre Mateus Gwenjere que tinha opinião idêntica em relação às raças, a minha posição ficou fortalecida. Nessa conspiração então tive dois aliados: padre Gwenjere e o seu grupo dum lado e os «chairmen» de Cabo Delgado doutro. O padre Gwenjere estava integrado no Instituto Moçambicano, portanto com capacidade de influenciar os estudantes, e os «chairmen» do interior do país onde podiam influenciar a situação política. Além dos estudantes o padre Mateus conseguiu penetrar uma boa porção da população moçambicana em Dar-es-Salaam que finalmente veio a aparecer na cena política contra a FRELIMO — em forma organizada e dominada «BARAZA DOS WAZEES». No sentido político, não compreensão do padre, isto já constituía um partido político. E nesse sentido em que as actividades do grupo deverão ser interpretadas.

PERÍODO 1968-69

As actividades dos grupos supra-mencionados não deixaram de influenciar outras províncias ou indivíduos responsáveis no nível provincial, como na pessoa de Wills Kadewele, então Secretário Provincial de Niassa.

Os estudantes no Instituto Moçambicano constituíam um grupo de pressão política. Durante os problemas no Instituto Moçambicano em que os estudantes, entre muitas coisas não queriam a presença de professores portugueses eu disse ao Gwenjere que a única forma para o Comité Executivo da FRELIMO é os estudantes fazerem greve. É claro que existiu diferença entre eu e o padre, diferença do grau de greve que se devia fazer por-

que o padre tinha também os seus interesses. Queria ser director do Instituto Moçambicano, não queria a presença de professores portugueses, era inimigo pessoal do médico Martins e queria que no Instituto se ensinasse em Inglês. E nessa base em que quando os estudantes juntamente com o padre fazem um documento para o Comité de Libertação para apresentar os seus queixumes e pedir ajuda, recuso dar a minha assinatura — que constitui fundamentalmente base de rotura com Gwenjere e o seu grupo.

Tendo perdido apoio no Comité Executivo e assim desesperado o padre estabeleceu uma tática de acção com o seu grupo, ataques sistemáticos dos Escritórios Centrais da FRELIMO em que o senhor Mateus Sansão Mutemba ficou vítima de morte e outros feridos, mesmo gravemente.

Nessa altura já tínhamos tido rotura e nos tornado inimigos.

No conflito de Cabo Delgado entre os «chairmen» e os militares apoiou a posição dos «Chairmen» julgando que tinham razão. E neste momento em que a província de Cabo Delgado através do seu Secretário Provincial, Lázaro Nkavandame, apresenta um pedido para realização dum CONGRESSO que a maioria dos Secretários Provinciais na sua reunião para discutir o assunto aprovou o pedido. O pedido não teve nenhum apoio de mim. Na véspera do CONGRESSO os «chairmen» enviaram Mateus Punda e Vingambudi para propor — para que eu seja o seu candidato à Presidência. Aceitei a proposta.

Doutro lado o grupo Gwenjere já não tendo acesso à FRELIMO fora a TANU

para pedir participação no Congresso.

A FRELIMO aceitou, mas eles não fazendo parte das delegações que representavam províncias se desqualificaram assim não participaram.

A delegação política de Cabo Delgado ligada a várias individualidades recusou ao Congresso e o Lázaro é impedido. Tanto o grupo Gwenjere como o dos «Chairmen» queriam que o Congresso tivesse lugar na Tanzânia, o que anteriormente teve grande desconsideração dos próprios Secretários Provinciais, portanto inaceitável. Para estes grupos o Congresso era equivalente a derrubação da direcção. Foi ligado a esta posição quando aceitei a proposta de Cabo Delgado e faz parte da continuação da conspiração contra a direcção da FRELIMO.

Atrás, durante o Congresso, aconselhados por individualidades os «Chairmen» fecham a fronteira e preparam-se para uma outra conferência para apresentar os seus problemas e a solução, que em desmembramento da Província da FRELIMO. Rejeitaram as decisões do Congresso e na conferência de Mtwara queriam que eu seja o porta-voz dos seus problemas e os apresente na conferência, o que recusei fazer. A tentativa de os convencer para aceitar as decisões do Congresso foi insucesso. Nessa conferência o grupo de Gwenjere, que já estava desligado de mim foi representado por Basílio Bando. A partir deste momento em que os «Chairmen» recusaram de ouvir a razão e o conselho automaticamente fiquei desligado deles, rotura ficou estabelecida permanentemente.

A minha desligação do grupo Lázaro constituiu uma traição. Não há dúvida que se fizeram meus inimigos porque tinham totalmente perdido a confiança em mim.



O Presidente Samora conhece a história de cada reaccionário detido em Nachingwea. Na gravura ele ordena a um deles, que tem bem espalhado no rosto a vergonha e o medo: «Olha para o povo! É preciso que ele conheça a cara da traição.»

CONFESSÃO

URIA SIMANGO

Com este acto perdi os meus dois aliados de que tinha muita confiança: Grupo Gwenjere e grupo Lázaro.

A partir desse momento o Lázaro e seus chairmen começaram a actuar independentemente contra a FRELIMO. E nessa altura em que formam os comités das estradas e assassinaram o senhor Kankhomba perto do rio Rovuma.

N. B.— Existe minha responsabilidade tanto para com o grupo Gwenjere como para com o grupo Lázaro. Tinham muita confiança em mim e eu não lhes dei a direcção correcta que os teria ajudado a comportar-se correctamente dentro do par-

livro e foi transportada por mensageiro via Tete até à Tanzânia. Aí foi entregue ao padre que através dos seus meios a fez chegar aos escritórios da FRELIMO onde o Nungu também através dos seus subordinados sem conhecimento destes do conteúdo entregaram o livro contendo a bomba juntamente com outra correspondência ao Presidente Mondlane. O Nungu sabia que o livro continha a bomba e era para assassinar o Presidente. Nessas circunstâncias, ele sabendo, era a única pessoa que podia evitar a morte do Presidente Mondlane.

Anteriormente a este acto já tínhamos perdido a confiança entre nós, sendo motivo

firmado presidente para poder pôr em execução planos que tinha.

O CONSELHO DA PRESIDÊNCIA

Depois da crítica na reunião do Comité Central dirigida a mim pessoalmente entendi que na constituição do Conselho Presidencial eu era o alvo. Eu estive errado. Segui e observei para ver se eu tinha razão ou não.

Erradamente concluí que Nungu tinha sido assassinado e que eu era também para ser assassinado. Esta foi a base fundamental da luta que tive contra a FREL-

(a luta de libertação nacional) porque dividiu o povo moçambicano e causou muitas deserções.

RENOVAMENTO DA ALIANÇA COM GWENJERE

Após publicação do documento comecei a procurar alianças para o novo Partido. Através do Bastião Banda aproximei-me «BARAZA DOS VELHOS» para engajá-los no novo partido. Gwenjere estando já em Tabora a partir de 1968 e sendo ele dirigente activo do BARAZA enviaram duas pessoas para o consultar que relutantemente os autorizou fazer parte. A minha expulsão da Tanzânia e reprovação do pedido de registo do PARTIDO deram cabo ou puseram fim aos planos que tinha de constituir um partido rival da FRELIMO. Terminei por estar no Cairo. Este é a continuação dos processos de querer ser presidente a todo o custo, o espírito que me dominou por muitos anos.

ADESAO AO COREMO

E estando no Cairo, em 1971 recebi mensagem e carta do COREMO que solicitava um encontro. Se puseram a preparar para vir para o Cairo e finalmente desconseguiram. Em reacção a este pedido fui a Lusaka nos fins de Julho, onde discutimos a forma de trabalharmos juntos e chegámos a esse acordo. Não tendo conseguido obter residência naquele país voltei para o Cairo. Aceitei o posto de Secretário dos Negócios Externos.

Adesão ao COREMO não significa que desconhecia o que era COREMO. Era uma organização que colaborava com os portugueses, a PIDE. A sua intenção portanto não era lutar mas impedir a luta. O que eu pretendia ao juntar-me àquela organização! Encontrei no COREMO a única saída do impasse em que me encontrava; não havia nenhum país fronteiriço que pudesse aceitar a formação duma organização política no seu território. Parecia-me que tinha acreditação da Zâmbia, um país com prestígio no contexto africano e eu portanto queria fazer uso dessa situação. Não precisava nada do COREMO mas queria infiltrá-lo, tomar a direcção e dinamizá-lo. Pretendia também mudar o nome dentro de pouco tempo. Não há dúvida que compreenderam minhas intenções e por isso trabalharam para que a Zâmbia mudasse de posição e reduzisse os dias da minha estada e eu estivesse fora do país.

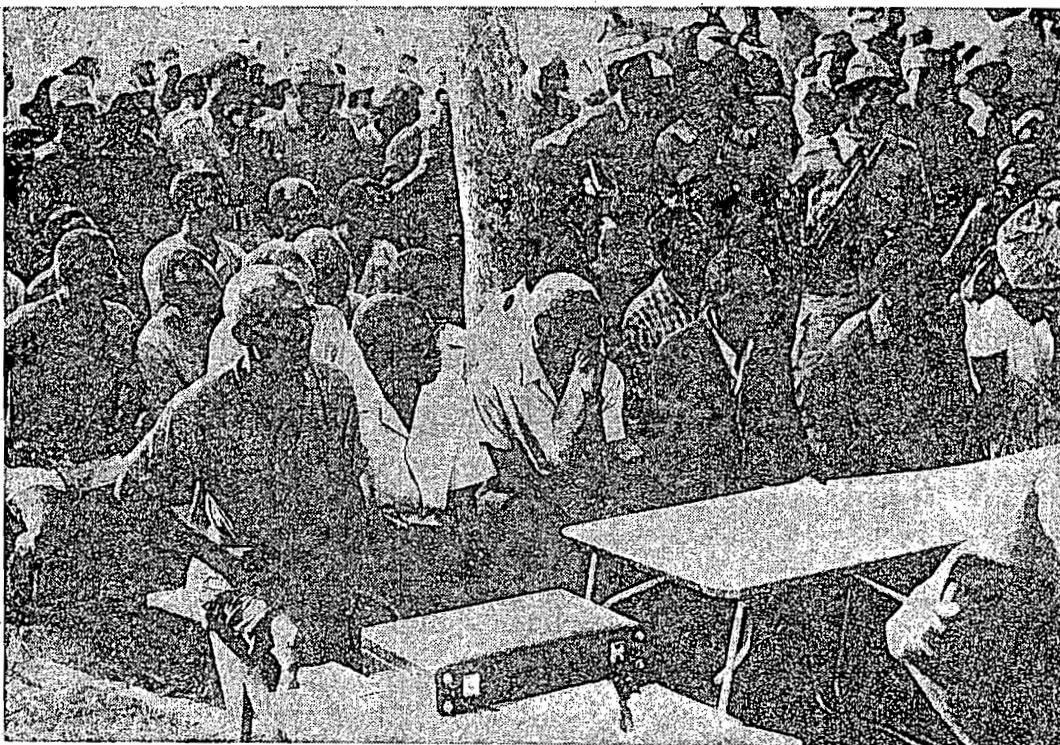
A partir dos fins de 1973 não havia mais correspondência entre eu e COREMO porque já tinha perdido o nome do COREMO e não queria mais ser activo em nome do COREMO. COREMO tinha-nos vendido por ter trabalhado contra a nossa ida a Lusaka. Esta é mais uma vez prova de que COREMO não era para progresso, libertação de Moçambique.

É neste sentido que deverá ser interpretada a relutância de continuar a trabalhar no COREMO quando em Nairobi na discussão com camarada Kambeu e no Malawi com Gumane e Bahule mantive muitas reservas. A outra força, ambição, foi superior a esta tentativa de desligar-me e me ligar mais uma vez, esperando assumir a direcção máxima.

25 DE ABRIL DE 1974

Com o 25 de Abril o Governo português anunciou que qualquer ser refugiado político que quisesse voltar para Portugal e para as colónias podia fazê-lo.

Em princípio a minha estada no Cairo era condicional, que não me envolvesse em política no Egipto (do meu país). No princípio de 1974 decidiram que somente representantes de PARTIDOS, estudantes e aqueles que trabalhavam podiam continuar no país. Eu não era estudante do Cairo mas da universidade de Londres



Um grupo de reacconários bem conhecidos. Na gravura, Assobel Jonassane Mazula, dr. Arcanjo F. Kambeu, Nkavandame, Paulo Gumane, Bastião Banda, Verónica Namiva, na primeira fila da esquerda para a direita, e na mesma ordem na segunda fila, João Craveirinha Júnior, dr. Unhá, Joseph Madzozere e Ali Aadebe. Nos bancos do trás, alguns elementos do «Baraza dos Wazoes».

tido o que teria evitado muitas desordens que tivemos na FRELIMO. Reconheço esta falta.

Gwenjere. Através dos serviços de segurança da FRELIMO eu ainda estando na FRELIMO soube que Gwenjere era agente da PIDE. Os seus trabalhos dentro da FRELIMO provaram isso. Embora eu soubesse desta situação decidi, pela conveniência, aliar-me com ele. O seu grupo, antes da rotura, constituía para mim uma força de apoio político, uma situação que somente me interessava, para satisfazer a minha ambição de ser presidente da FRELIMO.

O ASSASSINATO DO PRESIDENTE MONDLANE

O assassinato do Presidente Mondlane foi organizado pelo engenheiro Jorge Jardim e alguns elementos da PIDE em Moçambique. Estes colocaram a bomba no

principal o facto dele ter contraído matrimónio com uma moça de que eu pensava não tinha qualidades mínimas para ser como dona de casa e contribuinte para a revolução, directa ou indirectamente. A minha oposição a este casamento foi aberta e violenta, de tal maneira que estabeleceu uma brecha nas relações. Também opinava a utilização de viaturas do partido quando quisesse ir a Moshi, a casa dos pais da moça. Sabendo das minhas críticas sobre o comportamento dele, evitou falar-me dos arranjos das bombas. Esta é uma razão e outra é o facto de querer esconder os compromissos pessoais que teve, que eram, como este, gravíssimos.

CONQUISTA DE PODER

Após o assassinato do Presidente fiquei presidente interino. Queria que fosse con-

quisto. Inicialmente não tinha intenção de formar um PARTIDO mas fui bastante encorajado para o fazer. O princípio que achei conveniente para o lançamento foi através duma documento público como «TRISTE SITUAÇÃO NA FRELIMO».

- As câmbulas no documento tinham seus objectivos:
- Denegrir os dirigentes da FRELIMO, tanto interna como internacionalmente;
 - Baixar respectabilidade dos dirigentes e a FRELIMO em si;
 - Mobilizar o povo moçambicano e o Mundo fora em favor do partido que estava a formar.

Esqueci retirar todo o documento e peço desculpa às pessoas atingidas por ele (doc.). Me sinto arrependido por o ter feito porque fez muito dano à revolução

A CONFISSÃO DE SIMANGO

por correspondência. Arranjei emprego no jornal "Egyptian Gazette" com salário de 30 libras, muito insuficiente. Só renda da casa era 25 libras sem contar com água e electricidade. Era impossível viver com este salário. Tinha os africanos fomes etc. Aos dias para sermos informados dessa decisão e no dia 30 de Abril terminaram com os subsídios. Quando fui explicar que os meus exames e dos meus filhos terminavam nos fins de Junho deram-me subsídios mais um mês, Maio. Não tendo alcançado a decisão voltar para Moçambique no fim de Junho.

Os egípcios em princípio não dão documentos de viagem. Eu tinha mas a minha família não tinha. E eu não queria além disso entrar em Moçambique com o meu passaporte. Foi à embaixada de Espanha, Missão Portuguesa. Depois de dois dias receberam autorização de Lisboa. No dia seguinte também os egípcios deram a sua folha (bilhete de identificação) que não podia incluir Moçambique porque não era independente.

No Malawi, no mesmo hotel que fui, encontrei Paulo Gumane, Absalão Bahule, a esposa do camarada Gumane, Joana Simeão, Eucalisto Makulube e Kassimu Laude. Estes já se tinham encontrado anteriormente na Suazilândia onde concordaram que COREMO havia de trabalhar com eles e que deviam de dentro fundar um partido em que o Pedro Mondlane faria parte. Para o Malawi tinha ido para atender um convite do Governo e dar relatório ao COREMO que já tinha formado a organização (FRECOMO).

Tendo chegado ao Malawi no dia 30-6 devia partir para Moçambique no dia 1-7-74. Os que tinham vindo de Moçambique disseram que o problema de segurança era grave e sugeriram para que eu seguisse mais tarde 7-7-74. Porque teriam organizado o sistema de segurança. Porquê? Porque em Moçambique estava-se a matar. Em Lourenço Marques era verdade mas não era assim tanto na Beira. Nós todos aceitamos este conselho. Só reconhecemos mais tarde que faziam isso para capital político — para convencer o Mundo que estava a trabalhar muito politicamente e assim estava-se a fazer propaganda em Moçambique em seu nome.

No aeroporto da Beira estavam a espera a Joana, Eucalisto, Murupa, Unyal e muita outra gente que não cheguei a conhecer. Em suma fui recebido por esta gente em resultado da propaganda que a Joana tinha feito antes da minha chegada. Havia jornalistas no aeroporto e logo também convocados pela Joana. É lógico dizer que foi a FRECOMO que me recebeu porque a Joana era Presidente daquela organização.

Do aeroporto levaram-me para o hotel ESTORIL onde saí uma semana depois para a casa do Halder porque me pareciam que ninguém estava a pagar o hotel.

LIGAÇÃO COM A CONVERGÊNCIA

Quando cheguei a Moçambique encontrei seis partidos. UNIPOMO do Lázaro; MONIPAMO, do Basílio Banda; FRECOMO, da Joana; CONVERGÊNCIA; FICO e FEDERALISTA. Murupa era membro do MONIPAMO e muito encochado a Convergência. Os da Convergência através do Murupa convidaram-me para um jantar num restaurante, o que aceitei. Um ou dois dias depois passámos pela casa dum membro da Convergência, que era perto da casa do Murupa, uns 50 metros; aí encontramos uns quatro ou seis deles. Estavam a discutir um comunicado que iam publicar. Tratava-se de classes, tribos, grupos étnicos etc. Disseram que não era confidencial e assim ficámos para assistir e demos as nossas opiniões. Mais tarde também apareceu o Unyal e nas mesmas condições também ficou. Aí estavam três pretos. Os pretos que vim a conhecer do grupo são: dr. Avilez e engenheiro Carvalho. Não sei por que Sigalho não apareceu nessa altura, só veio a aparecer muito mais tarde, introduzido a mim por Murupa. Da minha parte estes encontros foram na base pessoal, é claro através do Murupa.

VIAGENS PARA NAMPULA

Fui a Nampula duas vezes, em Julho e Agosto de 1974.

Da primeira vez foi por meu interesse para conhecer a cidade. Ver o Banda e conhecer MONIPAMO. Não há dúvida que Murupa sendo representante do MONIPAMO tinha interesse de que eu fosse membro do seu partido e assim sempre falava da necessidade de ir conhecer aquela cidade. Fizámos o dia e partimos, ele levava os dois bilhetes. Viajaram connosco Avilez e Carvalho. Chegando a Nampula eu e Murupa fomos almoçar em casa da prima do Murupa. Toda aquela tarde estive no escritório do MONIPAMO, Murupa saía e voltava. Em volta das cinco horas apareceram os senhores Carvalho e Avilez no escritório do MONIPAMO dizendo que um militar queria ver o Simango, Murupa não estava nessa altura; deixei o Banda e fui com eles. Antes de entrarmos na sala onde estava disseram-me a posição dele eu é que esqueci. Não sei o nome foi-me dito e se foi também me esqueci.

Em princípio eu não tinha interesse nenhum em falar com esse oficial. Foi por cortesia. É claro que a Convergência sabia o que estava a fazer porque creio já nessa altura tinha o seu programa traçado, como veremos em baixo.

O oficial queria saber de mim duas coisas essenciais:

- Porque os macondes não seguiram o Lázaro quando ele abandonou a FRELIMO?
- O que eu pensava e o que podia dizer sobre a pessoa da Joana?

A respeito da primeira pergunta eu disse que não lhe seguiram porque o Governo português mentiu ao Lázaro, prometeu a independência e não fez nada para mostrar que realmente estava a dar essa independência. Os macondes querendo a independência ficaram nas fileiras da FRELIMO lutando pela independência. A respeito da segunda pergunta eu disse que não conhecia bem a Joana para dar uma opinião válida. Realmente eu não a conhecia, ela nunca fica na Beira mais de 48 horas.

Depois disso passámos a discutir a política de Moçambique. Nessa altura morria muita gente em Moçambique, particularmente nas cidades de Lourenço Marques e Beira. Também se sabia muito em toda a parte. Não havia autoridade nem ordem. Relacionamento a desordem e a situação política acusando o Governo português do querer fazer o que os belgas fizeram no Congo (Zaire) para ter pretextos de perpetuar o colonialismo. Passou a dizer-me que esperávamos que durante as eleições haveria ordem. Eu pessoalmente, e muitos também, pensávamos que haveria eleições. Ele disse que a situação era difícil e portanto não podia garantir essa ordem e disciplina. Nessa altura eles já estavam a sentir pressão militar da FRELIMO em toda a parte.

A segunda visita para aquela cidade foi em Agosto. Esta foi a convite da própria Banda através do Murupa. Mandou telegrama e telefone para esse fim. Aceitei ir e o Murupa trouxe o bilhete. Foi sozinho. Gwengere, Lisboa, Costa Narciso estavam em Nampula também a convite do MONIPAMO. Já tínhamos decidido que devíamos unir os partidos incluindo o dr.

1974 para estudar a forma de cooperação. É daí donde nasceu FRECOMO e MONIPAMO, do Pedro; MONIPAMO doutro lado estava em contacto com MANU (Gwenjere) e FUMO, do Narciso Mbulu, ambos estavam em Nairobi. Estive ainda no Cairo e não fui informado desta situação. COREMO estava já no Malawi, a preparar-se para entrar.

Em Agosto fui para o Malawi para me encontrar com os dirigentes do COREMO para saber o que se estava a passar. Foi decidido que todos entravam e o Gumane entraria via Suazilândia. Grupo Gwenjere-Narciso já estava no Malawi a caminho para Moçambique e voltei com eles. A minha segunda visita a Nampula foi depois desta viagem.

Quando o camarada Gumane entrou a conferência de unidade começou, com a participação dos seguintes partidos: COREMO, MONIPAMO, FUMO e FRECOMO. Grupo Gwenjere já se tinha integrado no MONIPAMO. Aprovou-se a fusão e o Partido de Coligação Nacional (P. J. N.) nasceu em 23 de Agosto de 1974 e os seguintes membros o constituíram:

O EXECUTIVO

Uriá Simango, Presidente;
Paulo Gumane, V-Presidente;
Basílio Banda, Secretário-Geral;
Dr. Arcanjo F. Kambeu, Secretário dos Negócios Ext.

Narciso Mbulu, Informação e Propaganda;

Joana Simeão, Educação;

Manuel Lisboa, Organização;

Mateus P. Gwengere, Conselheiro Político;

Mohamed Anife, Finanças;

Ahmed Halder, Administração;

Samuel Simango, Juventude; e

Absalão Bahule, Adjunto Organização.

O P. C. N. foi constituído como uma organização política com o fim de mobilizar a população politicamente. Fez cartões de membros para este fim mas não chegou a vender nenhum porque a mudança da situação foi muito rápida, com o acordo de Lusaka. Entendia preparar-se para as eleições que esperava contestar. Também queria que tomasse parte nas deliberações sobre a independência e não nas discussões sobre o cessar-fogo



Uma expressão dura na cara do Presidente: veis pelo assassinato de muitos dos nossos

meus... bandos estes... eles são responsáveis pelo assassinato de muitos dos nossos combatentes... venderam aldeias inteiras... que sabíamos era da competência da FRELIMO. Essencialmente o P. C. N. era um instrumento para combater a FRELIMO.

FINANÇAS DO P. C. N.

A fonte financeira principal depois da sua fundação foi a FRECOMO (Joana). Deu em volta de três vezes a razão de dez contos cada. Também recebeu da casa Simões a soma de cinco mil escudos. Um grupo de portugueses que visitou o P. C. N. fez subscrição na nossa presença e deu quatro contos. Este é todo o dinheiro que o P. C. N. recebeu dentro de Moçambique.

Quando cheguei à Rodésia trabalhei no sentido de arranjar o dinheiro e recebemos o seguinte:

- Dez contos do senhor Pereira que a Canisina levou para Moçambique para entregar ao Kambeu;
- Dezassete contos do Sigalho que foi levado pelo piloto Luís Fernando para entregar ao Kambeu;
- Com Sigalho falei da necessidade que tínhamos de 2000 libras, mais de metade para pagar o hotel MIRAMAR onde todos os camaradas ficavam. Quando saí para a África do Sul este dinheiro não tinha sido conseguido mas o Pereira e o Sigalho continuaram a fazer esforços para o conseguir. Também seria enviado para o Kambeu;
- A casa Pereira também nos conseguiu 1500 kwanzas do Malawi para pagar o hotel onde os nossos camaradas ficavam no Malawi.

O senhor José Pereira tem uma companhia de importação e exportação em Salisbury com muitos empregados brancos (ingleses). Não sei qual foi a razão mas diz-se

que esta companhia do sr. Pereira começou a ajudar os refugiados (políticos) de Moçambique e mais tarde o Governo Rodésiano decidiu dar fundos a esta companhia para refugiados em vez do próprio Governo estar a fazer o trabalho. Eu penso que mesmo desde o princípio a companhia tinha feito com o Governo esse acordo.

AGRESSÃO

Neste capítulo vamos discutir duas situações, interna e externa. Talvez seria conveniente que tratássemos a primeira situação como GOLPE. Para este trabalho todavia consideremos a primeira parte como FASE I e a segunda FASE II.

FASE I

Depois da formação do P. C. N., uns (57) dias antes do 7 de Setembro Murupa me disse que havia um senhor que queria me ver naquele dia e em casa dele. Quando chegou a hora fui. Foi-me introduzido como dr. Freitas. Ficámos os dois sem Murupa. Informou-me que havia um plano de tomar ou mudar o Governo em Moçambique militarmente. A responsabilidade dele era de arranjar armas e dinheiro — que estava em processo. Quería saber se o P. C. N. apoiaria o tal projecto, o que respondi afirmativamente. Ele disse não se sabia ainda quando é que isto seria até que tivesse o que estava a arranjar. Foi um encontro muito breve e separámo-nos. Este senhor era do FICO e residia em Lourenço Marques.

Na véspera do 7 de Setembro houve um outro encontro em casa do Murupa com Carvalho a pedido dele. Este é que expandiu o programa do Freitas. Disse que quando as armas fossem a Lourenço Marques seriam carregadas por camiões via Beira até ao norte do país.

Tanto este como o outro não disseram onde as armas seriam compradas. Não excluí a África do Sul embora não houvessem indicações nenhuma.

O Carvalho, é que disse que esperava que tudo estaria pronto pelos dias 30 de Setembro, a partir desse dia qualquer coisa poderia acontecer. Também informou que estava a trabalhar na unificação das várias unidades de portugueses — comandos e outros, que dentro de pouco tempo teriam reunião com eles e aí sairia o comando. Tendo mostrado concordância ele disse que me manteria informado do desenvolvimento. Aquí terminou o encontro e só viemos a nos encontrar na Rádio.

Neste plano contava-se que todo o trabalho seria feito pelos brancos — tropa do Exército português. O P. C. N. não estava em condições ainda de fornecer homens para trabalho desta magnitude. Corria boato em Moçambique (Beira) que o gabinete português estava dividido, ou que o grupo de Spínola era por muitos partidos e eleições mas o outro queria só um partido, tanto em Moçambique como em Angola. Dizia-se também que o Spínola tinha autorizado Moçambique e Angola para tomar conta dos governos e organizações eleições e teriam todo o apoio dele pessoalmente. Por este motivo dizia-se que o Spínola estava maluco porque confrontava uma grande oposição aos seus planos.

A respeito do apoio aos grupos de Moçambique e Angola foi confirmado pelo senhor Gomes dos Santos quando ele lembrou a delegação especial de Lisboa que o Presidente tinha dito na presença deles que os ministros não estavam a executar as suas ordens como são dadas. Isto foi durante a ocupação da Rádio. O Gomes dos Santos citou o Presidente como tendo dito: «Estas merdas dos ministros».

7 DE SETEMBRO

Na Beira subemos da tomada da Rádio na noite do mesmo dia 7-9-74. Ninguém no P. C. N. sabia ainda do plano FASE I. Três pessoas que eu havia de informar, Gumene, Kambeu e Banda, não estavam na cidade quando fiquei informado. Os dois primeiros já tinham partido para a Suazilândia e o Banda estava em Nampula ainda esperado para chegar.

Não tinha passado uma semana quando falei com os senhores Freitas e Carvalho e concluí que não era o plano que tinham apresentado e além disso nenhuma das preparações previstas tinham sido feitas. Todavia fiquei esperando detalhes, que nunca chegaram.

Por volta das 11 horas do dia 8 chegou o Costa a minha casa para dizer que o senhor Halder precisava da minha pessoa, que havia uma chamada de Lourenço Marques. O Halder informou que o P. C. N. era precisado e que o avião para nos levar estava no aeroporto da Beira. Os meus camaradas sem noção do plano FASE I concordaram. Quando cheguei a casa do Halder já lá estavam todos informados e preparados. O Banda já estava na cidade e também lá em casa do Halder. Os seguintes membros do Executivo do P. C. N. partiram da Beira: Basílio Banda, Narciso Mbulu, Mateus P. Gwengere, Uriá Simango e Manuel Lisboa.

Da Suazilândia vieram: Paulo Gumane e Arcanjo F. Kambeu. A Joana Simeão também chegou na mesma noite do origem desconhecida.

A CONFISSÃO DE SIMANGO

Ficámos surpreendidos quando o grupo do Carvalho (Convergência) perguntou quem nos tinha chamado. O Hanife que nos podia ajudar a responder não estava presente porque era um dos activistas técnicos não sei em que cidade. Estava o Grillo na mesa e o Gomes fazia muitos movimentos. Os membros da CONVERGÊNCIA não eram activos Carvalho e Vasco.

A primeira reunião foi com o chefe de segurança (FARIA?) dentro da RÁDIO. Tratava-se de entregar a RÁDIO e o Grillo que era o porta-voz do grupo insistia que devia haver uma outra reunião em que a FRELIMO devia estar para que se reformule a constituição do Governo de Transição. O membro do Governo disse que isso era impossível. Essa reunião não tendo resolvido o problema ficou para ser discutido mais tarde na mesma noite quando o chefe militar chegasse (BARBOSA). Não tendo conseguido convencer o Grillo e outros para entregar a RÁDIO Barbosa fechou a reunião prometendo que a reunião continuaria no dia seguinte de manhã com a delegação de Lisboa. Na Rádio estava toda a delegação do P. C. N. e com Barbosa estávamos eu e Banda, e a Joana veio mais tarde sem ter sido convidada.

No dia seguinte a reunião com os enviados especiais do Presidente Spínola teve lugar. Do lado do P. C. N. estavam: Uriá Simango, Paulo Gumane, Basílio Banda e Kambeu. Dos nossos amigos estavam Grilo, Gomes dos Santos, Vasco e outros que não cheguei a conhecer. A delegação de Lisboa estava chefiada pelo tenente-coronel DIAS. Do P. C. N. falámos eu e Gumane. Dos amigos, Gomes dos Santos e Grilo.

É nessa reunião que o Gomes dos Santos revelou o que o Presidente Spínola

orientado o partido correctamente nem os da Suazilândia e a Joana teriam ido quando foram chamados. Em parte isto é devido aos partidos que formaram o P. C. N. que trouxeram a sua falta de integridade política. A aprovação do programa do Freitas e Carvalho e a nossa ida para Lourenço Marques constituíram um grande apoio aos que massacraram muita gente. Assumo o erro, a falta de responsabilidade em nome pessoal e do P. C. N. Devia ter visto que esse plano FASE I não era para beneficiar o povo moçambicano mas os mesmos colonizadores e aqueles que já vinham explorando o nosso povo.

Esta nossa participação tem várias interpretações:

- Mostra que todos aqueles partidos que formavam o P. C. N. e seus dirigentes eram contra a FRELIMO;
- Mostra que aqueles partidos e o P. C. N. eram agentes colonialistas e imperialistas;
- Mostra que a fundo aqueles partidos não sabiam interpretar a vontade do povo, não representavam o povo que pretendiam representar, mas interesses capitalistas.

Portanto, a nossa presença na Rádio provou que agíamos, movíamos segundo a ordem dos nossos senhores.

AFRICA DO SUL E RODÉSIA

FASE II

Em Outubro último saí de Moçambique para a Rodésia. Daí em contacto com o camarada Gumane, no Malawi fomos para a África do Sul para nos encontrarmos com

em Dezembro e Janeiro, passado — em suma antes da independência de Moçambique.

Não tínhamos determinado onde havíamos de arranjar armas, dinheiro.

OS GOVERNOS DA AFRICA DO SUL E DA RODÉSIA

Na África do Sul fui visitado por um senhor chamado Pretórios que tinha interesse em me conhecer. Estive com Murupa e Carvalho. Fez perguntas relacionadas com a minha vida pessoal — a maior parte do tempo. Quando lhe falei sobre ajuda disse que o seu Governo não estava em condições de ajudar. Pelo que soube este Governo não tinha dado nenhuma ajuda aos Carvalhos. Mas nesse mesmo encontro ele disse que só podia pagar bilhetes de viagens dentro de África.

Quando foram aproximados por Carvalho para pagarem dois bilhetes para os Estados Unidos — do padre e do Mesquitela — recusaram.

Por isso a vinda destes dois atrasou-se, e quando saí o padre estava a lutar para arranjar dinheiro para os bilhetes. O objectivo da viagem era para arranjar dinheiro dos grandes capitalistas americanos da direita.

Todavia esperava-se confrontá-los com programas específicos quando os militares acabassem o seu trabalho: armas, dinheiro, campos de treinos e outras necessidades.

GOVERNO DA RODÉSIA

Este Governo em acordo com a companhia do senhor José Pereira (Import-Export) lançou nessa companhia uma soma de mais de 16 mil dólares para um fundo chamado para refugiados políticos — utilizados sob a

vários aspectos da minha vida: ambição, instrumentalidade, etc.

Durante a minha vida política fui um homem muito ambicioso. Não ocupei na FRELIMO um posto inferior, mas isso nunca satisfaz a minha ambição. Em cada organização em que fui membro sempre ambicionei ser o primeiro. Proposto ou não, trabalhei para atingir o máximo dessa ambição. Não importava utilizar quaisquer grupos como dos Gwenzere para me fazer subir, e mesmo contra princípios. Pela ambição fiquei cego e na cegueira movi-me para o paraíso da Ambição.

Reconheço esse defeito e foi ele que me conduziu na FRELIMO e me fez cometer muitos erros. O meu documento de 1969, «TRISTE SITUAÇÃO NA FRELIMO» foi elaborado dentro da cegueira de ambição porque queria ser um presidente do partido que estivesse a criar. Por causa da ambição andei em todo o Mundo à procura de partidos para dirigir em posição dum Presidente: COREMO, FRECOMO, P. C. N., na África do Sul. Era impossível ver o que estava a passar-se comigo até eu estar no abismo. Muitos estudantes que perderam e ficaram contra a FRELIMO porque tinham confiança em mim, um homem errado. Como é que um homem podia estar correcto contra a vontade de muitos? Não joguei um papel menos importante na perda de muitos, como os Chairmen de Cabo Delgado e muita outra gente. Por isso aceitei os meus erros e convidei muitos que fugiram da FRELIMO para a minha causa, a voltar para a FRELIMO, porque a FRELIMO estou certo terá compaixão com eles. Quando os senhores Freitas e Carvalho se aproximaram para os apoiar no golpe que estavam a preparar a seguir a oportunidade para subir e concordei-me com eles, não sabia eu que aqueles senhores estavam contra e tinham medo dum governo da maioria, não queriam eles perpetuar a exploração do colonialismo, neocolonialismo, imperialismo, não estavam eles a governar durante 500 anos em Moçambique e a recusa que a maioria se governe o que de melhor havia a fazer se a agressão tivesse tido sucesso.

Realmente fui convidado para estar com eles para ser utilizado por eles.

Os capitalistas porque seu interesse era de proteger seus bens e riquezas usurpadas do povo, era isso que tinha aceite defender para satisfazer a minha ambição.

Graças à consciência do povo através do trabalho realizado pela FRELIMO, que nenhuma agressão estou convencido pode ter sucesso em Moçambique. Foi para Lourenço Marques instalei-me na Rádio contra a FRELIMO e a vontade do povo e muita gente morreu por minha causa, tudo isso o fiz como instrumento para satisfazer a minha ambição.

O que estive a fazer com aqueles senhores em Moçambique e na África do Sul, são os maiores crimes que um homem pode cometer, particularmente contra o seu povo, esses erros foram gravíssimos. Constituem crimes de alta traição e conspiração para a agressão.

TRATAMENTO NA FRELIMO

Pelo caminho para cá esperava receber um tratamento conveniente dos meus actos, um tratamento péssimo que se pode dar a um inbúgo, o que pois recebi foi extraordinariamente diferente, um tratamento multíssimo humano a partir do dia da chegada, 21 de Novembro, tenho recebido serviços maravilhosos, um dormitório amplo com janelas amplas, cama com cobertores, mesa e cadeiras, sabão para o banho, literatura banho quente todas as manhãs, alimento-me da mesma comida que os responsáveis máximos da FRELIMO se alimentam, chá com leite e pão com manteiga, em suma, os serviços que os responsáveis têm direito, que eles têm se pode dizer, isso gozo as mesmas facilidades.

Estou junto com a minha mulher que está gozando as mesmas regalias, só lamento porque os nossos filhos não estão conhecidos para ver este o bom da FRELIMO que eles aceitariam.

Por que a FRELIMO se comporta desta maneira?

Tenho duas respostas para esta pergunta:

- Porque a FRELIMO assumiu a responsabilidade sobre o bem-estar do povo Moçambicano;
- A FRELIMO quer educar e educa o errado e quer encaminhá-los pelo caminho político correcto.

O MEU PEDIDO AO POVO

Embora cheguei a esta decadência por ser cego, reconheço os caminhos que seguia reconheço os meus erros e a sua magnitude ao povo Moçambicano.

PEÇO TRÊS COISAS EMBORA HAJA MUITO PARA PEDIR

- QUE ME PERDOE;
- QUE ME EDUQUE;
- QUE A MINHA PESSOA SEJA UTILIZADA PARA EDUCAÇÃO DAS GERAÇÕES FUTURAS.



Combatentes, homens e mulheres do nosso exército a ser treinados em Nachingwea. Um grilo uníssono «A luta continua!»

tinha dito no encontro que tiveram em Lisboa. O tenente-coronel respondeu depois dos nossos discursos, que a sua missão era de ouvir e reportar ao Presidente e este, dentro de 24 horas depois do seu regresso, havia de responder. Foi-lhe dada uma outra reunião mais tarde, e mais tarde disseram-nos que nós, africanos, não éramos precludos, não era necessário que fossemos. Nessa reunião, além do Gomes e Grillo, não sei quem mais participou, e não soube o que foi discutido.

Logo de manhã cedo no dia seguinte, iniciaram uma reunião na Rádio sobre a entrega da Rádio. A delegação do P. C. N. saiu da Rádio e da cidade no dia 14 de Setembro para a Beira, Nampula e Suazilândia, composta por Kambeu, Gwenzere, Narciso e Simango, Banda, e Gumane e Hanife respectivamente. O resto também saiu da Rádio no mesmo dia e a Rádio ficou entregue. A minha responsabilidade reside no facto de que encabecei o P. C. N. para a Rádio para impedir a realização da vontade do povo moçambicano, cuja presença e reacção resultou no massacre de muitos. Este foi um acto realmente reacionário.

PARTICIPAÇÃO MINHA E DO P. C. N.

A nossa ida para Lourenço Marques foi devido aos encontros que previamente tive com Freitas e Carvalho. Mostrou a falta de responsabilidade política da minha parte pessoalmente e do P. C. N. Se eu tivesse

os senhores Mesquitela, Carvalho e Vasco. Na primeira reunião discutiu-se a situação política e o que devíamos fazer. Decidimos convocar uma reunião militar mais tarde na África do Sul.

A reunião militar teve lugar no princípio de Novembro. Fez o meu trabalho mais até à altura da nossa saída porque as nossas vias tinham terminado. Os militares não tinham acabado. O princípio de recrutar os soldados que fugiram de Moçambique e organizar dentro do Exército português ficou assente. Os políticos não receberam o documento militar por não ter sido pronto a tempo, mas estes militares deviam em princípio depois apresentar o seu trabalho a dois oficiais que iam chegar da cidade — um tenente-coronel vindo de Espanha e um capitão ou major chamado CARDOSO, que lutou em Moçambique em favor do Governo português contra a independência de Moçambique. O coronel, segundo informações, vinha para coordenar acções militares em Angola e Moçambique. Eu e o camarada Gumane não chegámos de conhecer, esses dois oficiais.

Os políticos nessa reunião estavam: Mesquitela, Vasco, Carvalho, Uriá Simango e Gumane.

Os militares eram muitos mas eu conheci três nomes: Baptista, Gomes dos Santos e o Valdemar.

Um padre americano disse que era possível recrutar mercenários negros da América. Os militares deviam trabalhar de tal maneira para que a agressão tenha lugar

gerência da companhia. Este dinheiro é utilizado para pagar hotéis e outras despesas.

Numa encontro que tive com um oficial do Governo disse que não ajudava tipo de programas que tínhamos — agressão ou invasão a Moçambique. Todavia disse que só um homem no Governo podia-se pronunciar sobre isso: o Primeiro-Ministro. Esperávamos que quando os trabalhos militares acabassem para submetermos um documento completo, que havia de conter pedidos de armas, dinheiro, campos de treinos, e outras necessidades.

PONTOS COMUNS

Estes dois Governos têm três pontos comuns:

- Não querem que os seus territórios sejam utilizados contra qualquer país, incluindo Moçambique. Creio, é por isso que o Governo da Rodésia expulsou um chefe mercenário em Novembro que estava a recrutar naquele país para atacar Moçambique e Angola;
- Querem ter boas relações com a FRELIMO, talvez uma atitude falsificada;
- Dizem: Os portugueses depois de dez anos foram derrotados, como é que vocês o podem fazer. Não estavam convencidos da nossa capacidade.

CONCLUSÃO

Em tudo o que acima relatei mostro